

## A Institucionalização da Psiquiatria, da Psicanálise e da Psicologia no Brasil

ANA TERESA A. VENANCIO<sup>1</sup>

**RUSSO, Jane. *O Mundo Psi no Brasil. Coleção Descobrimdo o Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. 89 p.***

*O Mundo Psi no Brasil*, que integra a coleção Descobrimdo o Brasil, faz parte de um conjunto de publicações escritas por especialistas que abordam temas da história e cultura brasileiras em linguagem acessível a estudantes e ao público em geral. Este é, portanto, o primeiro mérito dessa publicação: traduzir em termos simples a complexa história da constituição e desenvolvimento dos saberes psi no Brasil, sobre a qual a autora vem se debruçando com dedicação já há alguns anos.

Um livro que **agrupa** o estudo dos chamados saberes psi – psiquiatria, psicologia e psicanálise – confirma antes de tudo a perspectiva de inter-relação desses três campos de conhecimento: recorrendo às suas linhas de desenvolvimento, Russo **expõe** com muita exatidão os pontos de contato e linhas de tensão que envolvem a afirmação desses campos no contexto brasileiro, seus objetos e clientela. Para a organização de sua análise, a autora toma a história da psicanálise como eixo condutor privilegiado, tendo-se em vista a sedução que esse saber exerceu tanto sobre os campos de conhecimento oficiais reconhecidos e controlados pelo Estado – a psiquiatria e a psicologia – quanto sobre a intelectualidade e o público leigo.

A perspectiva adotada demonstra também que os saberes psi e suas práticas terapêuticas não possuem, *a priori*, fronteiras claramente demarcáveis, como, à primeira vista, nos induz a pensar a crescente especialização dos saberes modernos. Elucida, ao contrário, que a possibilidade de demarcação entre esses representantes dos saberes modernos está implicada pelos processos históricos constitutivos dos mesmos, apresentados de modo cuidadoso nesse livro. Portanto, a história desses saberes é também

a história do modo como determinadas representações partícipes do ideário moderno adentraram e se consolidaram no imaginário nacional.

A “descoberta” do Brasil por essa via **é bem precisa** em não fazer do caso brasileiro exemplo de uma mera reprodução dos valores ocidentais modernos ou da conformação dos saberes psi na Europa e nos Estados Unidos. Os processos que, ao menos desde o século XVIII, vêm reconhecidamente produzindo ou sendo produzidos pelas sociedades ocidentais modernas – como a fragmentação dos domínios, a racionalização, a especialização dos saberes, a preeminência do valor-indivíduo e a interiorização do sujeito – são tomados como tendências, que ao aportarem aqui por intermédio dos saberes psi são revestidas de feições próprias. As referências aos desenvolvimentos desses saberes em contextos internacionais específicos constroem, portanto, **um quadro expressivo** das hegemonias e tensões, demonstrando quais tendências chegaram ao Brasil, quais rumos tomaram e que representações sociais vêm difundindo.

Nesse sentido, Russo aponta como a inauguração do primeiro hospício brasileiro esteve profundamente articulada à afirmação do poder monárquico, enquanto que na França tornara-se símbolo das transformações sócio-políticas relacionadas à Revolução Francesa. Destaca também o fato de a psicanálise no Brasil ter sido difundida a partir do *establishment* médico-psiquiátrico – diferentemente do contexto europeu, em que as relações entre psicanálise e medicina foram sempre mais ambíguas – indicando as duas vertentes psicanalíticas que aqui se estabeleceram: uma vinculada à ortodoxia e aliada ao autoritarismo, e outra, expressiva, de ideário libertário com ressonância junto à intelectualidade e à classe artística.

A análise da autora segue, com muita propriedade, duas direções complementares. Em primeiro lugar, apresenta as linhas mestras da história da institucionalização desses campos de conhecimento – bem referendada em datas, principais personagens, instituições de ensino e formação – demonstrando como as disputas entre esses atores sociais possibilitaram ou não a afirmação científica e/ou difusão dos saberes psi no Brasil. Em segundo lugar, e implicada pela institucionalização dos saberes psi, dá conteúdo ao modo pelo qual se tem conformado um jogo contrastivo e dinâmico entre abordagens diferenciadas sobre as dimensões física e moral do humano e os males que nos acometem.

A exposição desse complexo objeto de estudo – o mundo psi – não destituiu o texto, no entanto, de clareza e objetividade. Partindo de uma ordenação cronológica, que se inicia pela constituição da psiquiatria no Bra-

sil, a autora se detém nas relações entre psiquiatria e psicanálise para, em seguida, estabelecer um diálogo entre tais relações e o surgimento do que chama de “novos atores”. Russo expõe então como a psicologia e seus representantes conseguem aqui se estabelecer, tendo-se em vista o embate tanto com a classe médica, como com a intelectualidade católica, inicialmente reticente em relação ao “estudo ‘materialista’ da mente humana”.

As **inflexões temporais e de inte-relação** entre esses três saberes, considerando-se um certo “mercado” de produtores e consumidores em torno do cuidado laico e “científico” da alma e do corpo, atravessa a exposição do que ocorre a partir dos anos 70 do século XX. Como denomina a própria autora, a busca desenfreada do divã, os “tapas e beijos” entre psicanalistas e psicólogos, o surgimento do lacanismo, os embates entre as terapias do corpo e as da palavra, os momentos de difusão e de construção de ortodoxia das chamadas terapias corporais, a entrada do ideário antipsiquiátrico no Brasil e a recente rebiologização da psiquiatria e do humano compõem a complexa rede de relações dinâmicas que dá forma ao chamado mundo psi. A análise dessas relações ganha ainda **quadros elucidativos** sobre a proliferação de sociedades de formação em psicanálise no Rio de Janeiro e de sociedades “independentes” após o *boom* de difusão dos anos de 1970, seguidos de uma cronologia sintética e de sugestões para leitura.

O livro *O Mundo Psi no Brasil*, portanto, sintetiza de modo inteligente e acessível a história da psiquiatria, da psicanálise e da psicologia em nosso meio, apontando a importância dos mesmos para a afirmação de representações e práticas sociais que têm informado nosso imaginário. Compreender o modo como esses saberes laicos sobre o humano entram e se difundem em solo brasileiro é ampliar nossa visão sobre as vias pelas quais a sociedade brasileira se apropriou de **aportes** e paradigmas considerados “modernos”. A difusão de tais aportes, como bem demonstra a autora, tem sido ao mesmo tempo constitutiva e constituída por atores sociais, cujas práticas e concepções variadas dialogam sobre o que devemos entender como próprio do indivíduo, sobre o estatuto de suas dimensões física e moral, os sentidos concedidos ao adoecimento e as terapêuticas a eles correspondentes. Indica-nos, assim, que a institucionalização dos saberes psi – expressiva da entrada e afirmação da configuração de valores individualistas no contexto brasileiro – trouxe para parte da cena nacional modos de incorporação e difusão de explicações sobre a vida fundados na interioridade, escolha e realização individual. Modos esses comparativamente diferenciados de re-

apresentações tradicionais, em que a filiação e o pertencimento a grupamentos de classe, raça e religião são os eixos privilegiados para situar o humano e seus males no mundo.

## **NOTA**

- 1 Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ. Professora visitante do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro.